

com a experiência passada e atual da região. Em seguida, investiga a compreensão do conceito de democracia participativa, verificando as opiniões sobre direitos/deveres do cidadão, decisões governamentais, participação eleitoral, detendo-se mais demoradamente na questão da violência histórica do sertão, através da percepção dos membros das classes dominantes em relação a cinco casos: Palmares, Canudos, Cangaço, Padre Cícero e conflitos trabalhistas.

Ao final, procura verificar as mudanças ocorridas, mais recentemente (após seu retorno à região, passados dez anos dos primeiros contatos com a área), em especial do ponto de vista dos problemas enfrentados pelas famílias dominantes para manterem sua hegemonia, diante da instalação de empresas privadas e estatais, sobretudo em Petrolina, e da penetração mais intensa do capital comercial e industrial. Analisa a política no passado e no presente, através das eleições municipais de 1972 a 1982, assinalando o processo, ainda que parcial, de renovação de lideranças. Conclui que há evidências de ruptura com a sociedade tradicional, mas que “a transição para o capitalismo, embora em curso, ainda não estava completa” (p. 342), mostrando como a intervenção do Estado na região, amparada em projetos e créditos de organismos internacionais (Sobradinho, Projeto Nordeste, entre outros), tem afetado os padrões até então dominantes.

O livro do professor Ronald Chilcote, pela riqueza de relatos e pelo vasto material documental, é uma referência teórico-metodológica indispensável aos estudiosos da temática do Nordeste, nas suas múltiplas abordagens interdisciplinares de política, economia, história, sociologia,

antropologia. A obra vem preencher uma lacuna importante no conhecimento da sociedade brasileira, que é o estudo da região do semi-árido, por meio de um enorme esforço de pesquisa do concreto, fugindo do risco das generalizações. O tratamento inovador das estruturas de poder local, enfatizando a visão de mundo das classes dominantes, revela alguns segredos sobre as famílias que compõem a elite nordestina.

O leitor atento, certamente, encontrará limitações – mais da comentarista do que o autor – que esperamos se transformem em curiosidade intelectual para aprofundamento crítico das idéias aqui apresentadas.

## MÃOS DE MESTRE

de Sylvia Porto Alegre

*Mãos de Mestre: itinerários da arte e da tradição.*

São Paulo, Editora Maltese, 1994. 155 p.

POR MARTINE KUNZ

Professora do Departamento de Letras Estrangeiras da UFC

O belo livro de Sylvia Porto Alegre delinea com rigor e sensibilidade o universo dos artistas populares no Nordeste, “um segmento sem rosto e sem nome, que em nosso país nem sequer faz parte dos cadastros profissionais e das estatísticas oficiais: o das outrora denominadas artes e ofícios, que hoje costumam ser rotuladas de arte e artesanato popular”.

Arte, artesanato? Artista, artesão, arte popular? Um termo se perde nos confins do outro; nem sempre é possível resolver as hesitações semânticas. Os termos evoluíram, já foram mais próxi-

mos em outras épocas, distanciaram-se, perderam de vista o laço de parentesco, se deram as costas até. Essas mudanças de significado foram acompanhadas de juízos de valor diferenciados, reveladores de outras modificações relativas à integração social de artesãos e suas relações com o mercado circundante.

A autora toma o cuidado de identificar e delimitar os conceitos a serem utilizados. Esse embasamento teórico nos oferece palavras-ferramentas a serviço de um compreensão segura. Nada de hermético, a clareza do texto favorece o prazer da leitura sem desmerecer a profundidade da pesquisa.

Uma pesquisa rica em descrições e observações. O olhar do pesquisador é privilegiado. Quando citadas, as teorias estimulam a reflexão, não se tornam camisas-de-força de uma realidade domada. A batalha é outra.

O “chão concreto” das investigações e análises da autora é o material colhido ao longo dos anos de convivência com os artesãos do Ceará. Os depoimentos e histórias de vida dos entrevistados constituem a base da sua reflexão. A tese de doutorado apresentada em 1988 fornece outro sustentáculo. Em *Arte e ofício de artesão. Histórias e trajetórias de um meio de sobrevivência*, a antropóloga procura “recuperar a trajetória de um antigo meio de sobrevivência das populações pobres, que ainda permanece ativo, tanto nas cidades como no campo”.

Essas duas fontes nos lembram a história longínqua do artista popular e enriquecem a reflexão sobre a condição do artista e do artesão hoje. “Nada mudou e tudo mudou”, constata a autora. A partir da “vista de dentro” da concepção e execução da obra e dos valores a ela atribuídos, seguin-

do critérios internos ao trabalho artesanal, a pesquisadora percebe “um eixo de continuidade, embora com rupturas, através do tempo”.

Por outro lado, ela também constata que “do ponto de vista da inserção do artista e artesão na sociedade mais ampla, isto é, no que se refere à sua posição social e às relações externas que se estabelecem com o universo da oficina, as transformações foram enormes e irreversíveis.”

Se a questão levantada pela autora permanece complexa, a saber “as relações entre o poder criador dos indivíduos e dos grupos e sua memória social”, esse livro tem o mérito de expô-la com clareza, de fazer com que o leitor percorra indagações alheias com o prazer da descoberta, aviste diversos rumos de reflexão, aprenda como palmilhar novos caminhos, siga com a autora esses “itinerários reconstruídos”, onde texto e imagem completam-se, integrando-se de modo feliz.

*Mãos de mestre* nos convida a render uma justa homenagem à arte popular, à sua resistência e vitalidade, à sua tradição e criação.